

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

FRANCISCO NAMALOTA SURUI

**A EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO *PAITER SURUI* E A
INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA DA CIDADE NA FORMAÇÃO DA
CRIANÇA**

**Barra do Bugres
2016**

FRANCISCO NAMALOTA SURUI

**A EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO *PAITER SURUI* E A
INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA DA CIDADE NA FORMAÇÃO DA
CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado de Mato Grosso-
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.
Renê Barbours, como requisito parcial para
obtenção do título de Graduado em
Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientadora: Prof.^a Ma. Dulcilene Rodrigues
Fernandes

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B962e SURUI, Francisco Namalota.

A educação tradicional do Povo *Paiter Surui* e a influência da tecnologia da cidade na formação da criança / Francisco Namalota Surui. – Barra do Bugres, 2016. 31 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profa. Ma. Dulcilene Rodrigues Fernandes.

1 . Ensinos Tradicionais. 2. Segredos do Ritual Bororo. 3. Adolescentes Boe. I. Fernandes, D. R., Ma. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

FRANCISCO NAMALOTA SURUI

**A EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO *PAITER SURUI* E A INFLUÊNCIA DA
TECNOLOGIA DA CIDADE NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 15 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Dulcilene Rodrigues Fernandes o
Professora Orientadora

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva
Professor Avaliador

Prof.^a Ma. Isamar Valdivino Fróio Torres
Professora Avaliadora

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelos dons recebidos, por me fazer capaz de elaborar este Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço aos meus pais, Jose Itabira Suruí e Helena Orekó Suruí, por me fazer acreditar na Educação e pelo incentivo aos estudos, por mais que fosse incompreensivo ir à escola quando pequeno e também por me ajudar nas entrevistas.

Agradeço a comunidade, por ter me dado a oportunidade de estudar e me apoiar, construindo assim um conhecimento escolar e para a vida social.

Agradeço a UNEMAT, por ter me dado a oportunidade de fazer parte de seu Projeto que é a Faculdade Indígena Intercultural, e me dado o conhecimento e abertura para discutir as Políticas de Educação Escolar Indígena juntamente com os meus colegas de outras etnias de Mato Grosso.

Agradeço a minha Professora Dulcilene Rodrigues Fernandes, por me orientar neste Trabalho da Tese de Conclusão de Curso.

Agradeço a minha Esposa, Melissa Gobpoto Suruí, por me incentivar a nunca desistir dos estudos, apesar das dificuldades enfrentadas.

Agradeço a Comunidade Indígena da Aldeia, na pessoa do Cacique, por ter me dado a carta de apoio para fazer parte do grupo de acadêmicos da Turma 2012.

RESUMO

Antigamente as crianças aprendiam e conheciam sobre a cultura do povo através do pai e da mãe, com isso eles conheciam os costumes e regras do dia a dia do povo na convivência, respeitando as pessoas, que seja velho, velha, homem, mulher e outras crianças. Tornando adolescente, o pai dialogava com ele e nesta fase já começava a ajudar os pais por conta própria, porque ele foi educado de maneira tradicional, ou seja, na cultura. Assim adquiria o conhecimento tradicional, como respeitar as pessoas na cultura, por exemplo. Com isso, com 12 anos de idade já se integrava com os adultos, e com isso adquiria mais conhecimento das práticas culturais do povo. Atualmente as crianças ficam mexendo bastante na tecnologia dos não indígenas, e, com isso, já não estão mais respeitando os pais, porque aprende muita coisa que não deve na televisão. Também as crianças ficam uma parte do período do dia na escola, tem vez que alguns alunos ficam sem participar das aulas por causa das tecnologias. E isso não ajuda nenhuma das duas culturas. O objetivo deste trabalho é discutir a educação tradicional dos *Paiteer Suruí* e a influência da tecnologia da cidade na formação da criança. Para isso fiz algumas entrevistas; preparei as entrevistas para pais e crianças, então escolhi três famílias da comunidade, quando perguntei para os pais se eles educam mais voltados a cultura do povo ou se eles ensinam mais na cultura de não indígena. Também foi entrevistada uma pessoa que tem mais idade, perguntando como que era a educação tradicional do povo antes do contato. Também pesquisei no livro RCNEI sobre a educação indígena, e ainda fiz observação das crianças no dia a dia na comunidade.

Palavras-chave: *Paiteer Suruí*. Educação Tradicional. Ritual de Passagem.

RESUMO NA LÍNGUA PAITER

Mater amug ey pere de acoba paiter ema soe ka, asob eyab mi atipi e, amug esob eyab mi xiti pere de makoba āna te polosa aweitxa anipo amug ka e. Amakab ga te pólo as āteli yab weitxa anipo xipere de na ikay e. Amug tigmi ama oylud ne deka etiga xixob ey pere de na matowe yitxa e na e. Ete amug pere de na Amato we pi asob ey kA ena e. Ayab ene koy xipere dena amaolud ne aje kA āte eli yabweytxa amakab ga e. Ete guya aweitxa iwenekoy e. Ayab enekoy xipere dena 12 akao Sade etiga, ikāi ema sowe same pere mi e. Ete ā karbami amug ayab mi oylud eysadana yaranemaga e pāyekānee iter e. Ete ayab enekoy yakadena akoba iter yara masowepi e. Ayab enekoy tasadena one asob ey ka amatoweytxa te na maite ena e. Akawareytxa tasadena asob weyka ena e. Ewemāweytxa ā odje sodig maga ewe sadāna e. Kana amug ey ayab oylud ey yaga aweytxa ani wekar same ādana e.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
RCNEI	Referencial Curricular Nacional da Educação Indígena

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da Terra Indígena Sete de Setembro	15
Figura 2 – Momento em que se bebe chicha na festa <i>Paiter Suruí</i>	18
Figura 3 – Realização de atividade cultura do povo <i>Paiter Suruí</i>	25
Figura 4 – Crianças Paiter Suruí em atividades escolar, fortalecendo a cultura tradicional	27

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	A ORIGEM DO POVO PAITER SURUÍ.....	12
2.1	O Mito de Origem do Povo <i>Paiter Surui</i>	12
3.	SOBRE O POVO PAITER SURUÍ E SUAS TERRAS: LOCALIZAÇÃO DA TERRA INDÍGENA E POPULAÇÃO GERAL	15
3.1	Sobre a língua <i>Paiter Suruí</i>	15
3.2	Modo de sobrevivência do povo	16
3.3	Principais práticas tradicionais: danças e rituais	17
3.4	Caracterização da aldeia Indígena Sertanista Apoena Meirelles.....	19
3.5	Sobre os aspectos religiosos	19
4.	A EDUCAÇÃO TRADICIONAL DA MENINA E DO MENINO PAITER SURUÍ.....	20
4.1	Menino <i>Suruí</i> do Nascimento aos 6 anos	21
4.2	A Menina <i>Surui</i> , do nascimento aos 6 anos	21
4.3	O menino <i>Surui</i> , dos 7 anos aos 10 anos de idade	22
4.4	A menina <i>Paiter Suruí</i> , dos 7 anos aos 10 anos de idade	22
4.5	A educação tradicional do povo <i>Paiter Suruí</i>	23
4.6	Tecnologia nas Aldeias	25
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS	28
	CONSULTORES NATIVOS.....	28

1. INTRODUÇÃO

Na aldeia Sertanista Apoena Meirelles as crianças *Suruí* estão aprendendo muito das coisas não indígena. Antigamente, as crianças conheciam e aprendiam as regras com o pai e com a mãe na convivência do dia a dia, respeitando as pessoas quaisquer que fossem, homens, mulheres, crianças e idosos. Mesmo ainda adolescentes gostavam de ajudar os pais por conta própria, porque era educado de maneira tradicional, ou seja, na cultura. A criança mesmo é que fazia a sua observação e aprendia com o pai ou com a mãe, e ao mesmo tempo os pais dialogavam com ele e com ela.

Assim adquiria a educação de como respeitar as pessoas na cultura. Com isso, aos 12 anos de idade, a criança já se sentia parte da comunidade de adultos e já adquiria muito conhecimento ao se integrar com os adultos, porque ia aprendendo mais ainda sobre as práticas da comunidade, se aprimorando sobre a cultura, respeitando um a outro.

Entretanto, as crianças ficam usando bastante tecnologia dos não índios como celular, computador e outros aparelhos eletrônicos e quase não ouvem mais seus pais. Aprendem muito do não índio na televisão, principalmente, mas as crianças também ficam a maior parte do dia na escola, aprendendo muito de coisa do não índio o que acaba atrapalhando elas de aprender a sua cultura. Assim, a inserção de novas tecnologias tem interferido sensivelmente no cotidiano da aldeia e também afetado diretamente a nossa cultura. Este trabalho, tenho certeza de que ajudará a escola da aldeia em como educar as crianças, de modo a conciliar as duas culturas, que é a cultura do povo *Paiter* e a do não indígena, que é a tecnologia como celular, televisão, computador e outros, compreendendo que a cultura do povo é muito importante para sua aprendizagem como *Suruí Paiter* e também conhecer o mundo do não indígena valorizando a sua cultura.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho foi realizado com a contribuição da escola local. Em primeiro lugar, perguntamos as crianças como os pais têm ensinado as coisas do dia a dia para eles. Em seguida utilizamos a técnica de entrevista com os pais e perguntamos como é que eles educam os seus filhos e se os filhos têm se comportado quando é chamado a atenção. Observamos também durante a pesquisa e na entrevista com ancião, como era a educação tradicional antigamente. Também fizemos consulta em sites da internet além de livros sobre os *Paiter Suruí*.

Foram escolhidas três famílias da aldeia Sertanista Apoena Meirelles, dessas famílias foram entrevistados os pais dos alunos sobre a educação do filho, como ele tem se comportado e também se tem se interessado nos ensinamentos dos pais ou do povo, e também se tem

respeitado os pais. Eu perguntei se podia tirar foto, e, como fui autorizado, tirei foto quando entrevistava os pais. Penso que este trabalho de pesquisa ajudará minha comunidade a refletir sobre os processos de educação tradicional das crianças em face da entrada de tecnologia do não índio na nossa comunidade. Este trabalho de pesquisa visa então discutir como conciliar as duas culturas e absorver as diferenças entre elas, pois consideramos a cultura do povo indígena *Paiter Suruí* fundamental para nossa sobrevivência assim como também é inevitável a introdução de aspectos da cultura do não indígena na nossa comunidade. Inevitável porque futuramente irá acontecer, ou seja, o que já está acontecendo.

2. A ORIGEM DO POVO PAITER SURUÍ

O Povo Indígena *Suruí* se autodenomina *Paiter* e a tradução feita pelos indígenas significa “Gente de Verdade”, nós mesmos, em razão que o povo indígena *Suruí* caracteriza que o verdadeiro *Paiter* (humano) tem a característica de viver em união com os demais povos, demonstrando compaixão pela condição alheia.

Os *Paiter* falam a língua *Paiter* do tronco Tupi, da família *Mondé*. A organização do povo é baseada em clãs que são *Gameb* (marimbondos pretos), *Gabgir* (marimbondos amarelos), *Makor* (taboca, uma espécie de bambu amazônico) e *Kaban* (*mirindiba*, uma fruta regional). E esses clãs também são a base do sistema de governança, da organização política e do sistema de parentesco e matrimônio. O contato oficial com a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, ocorreu em 07 de setembro de 1969 e por isso denominaram a terra de “Terra Indígena Sete de Setembro”.

2.1 O Mito de Origem do Povo *Paiter Surui*

No início, há muito tempo, quando Deus criou a natureza, viu que não tinha seres vivos existentes na natureza e então pensou em fazer os *Paiter* (Humano), e ele fez de argila, moldou a figura e assoprou com a fumaça de cigarro. E numa imensa floresta, os primeiros humanos, Deus espalhou por toda a floresta do mundo todo.

E quando chegou o dia da festa *mapimaí*, Deus mandou que o Labiway, chefe maior, convocasse todos os seres para a festa do *mapimaí* (criação do universo). E quando chegou o dia dessa grande festa *mapimaí*, comandado pelo Labiway, todas as pessoas de toda parte do mundo foram chegando ao local da festa. E chegando o dia da festa *mapimaí*, Amoa, jaboti, foi comer frutinha *abiá*, *pama*, com as mulheres. Elas eram mulheres lindas e o acompanhava pedindo para ele cortar a árvore para poderem comer á vontade. E Amoa não conseguia encontrar a árvore da fruta. E enquanto isso Kasar, arara, bem perto colheu grande quantidade de *abiá* e as mulheres vendo isso correram para ele, que também era muito bonito e de boa personalidade e a Amoa ficou sozinho e daí pra frente ás mulheres só queriam saber de Kasar. E Amoa começou a invejar Kasar. E quando chegou o dia da festa, todas as pessoas se enfeitaram para beber o *iatir*, chicha, e Amoa estava com uma raiva danada, morrendo de ciúme. E quando a festa iniciou o Kasar dançava e cantava e as mulheres só queriam saber de dançar com Kasar.

Amoa cada vez mais enfurecido de ciúme das mulheres foi falar com Labiway inventando uma mentira pra ele de que Kasar estava namorando a mulher dele e que ele poderia matar Kasar. Labiway não acreditou no que Amoa tinha contado para ele. E também não queria reagir por uma conversa, porque sabia que era muito respeitado por todos.

Mas as pessoas foram bebendo cada vez mais a chicha e o Amoa insistindo pedindo para matar Kasar e já meio bêbado Labiway concordou.

Em meio às danças e músicas quando os guerreiros estavam se mostrando para Labiway, o dono da festa pegou as flechas, atirou e atingiu Kasar e foi uma debandada das mulheres para todos os lados gritando, e nesse instante Labiway quando fez isso deitou no chão se transformando em uma cobra e deixou suas flechas no chão, essas flechas é que viraram *maikir*, jararaca, e Amoa se escondeu no casco virando jabuti porque tinha vergonha do que tinha acontecido por causa dele.

E nesse dia, quando aconteceu esse fato, Deus foi chegando a cada pessoa e dando as medidas para cada um para serem animais. E ele aos poucos foi transformando seres em insetos, aves, répteis, mamíferos e anfíbios.

Foi assim que todos os primeiros seres humanos viraram animais que existem hoje na floresta e no mundo todo. Mas o sentimento da inveja e ciúme foi gerado pelo Amoa, o jabuti.

E mais tarde, Deus viu no castigo que mandou, os *mekoey*, as onças, tinham comido as pessoas que restaram. E elas colocaram os ossos das pessoas no teto da casa, pendurando ossos dentro da maloca, e por isso Deus pediu para os *patxaabey*, veados, que fossem até a casa das onças e pegassem os ossos de todos os seres vivos e trouxessem até ele.

E para isso Deus testou primeiro todos os *patxaabey* pedindo que eles subissem no morro. E lá do morro mandou que um deles descesse correndo. E quando ele correu jogou uma pedra enorme que a pedra correu mais do que ele. E depois testou outro que também não conseguiu.

E mais tarde teve um que desceu o morro correndo e Deus jogou uma pedra enorme junto com ele, mas mesmo assim ele correu mais do que a pedra. Então foi esse que Deus escolheu para ir até na casa das onças. E para isso passou ainda um líquido bem amargo no corpo todo do *patxaab*, veado, para que os *mekoey* não comessem ele.

E chegando à casa dos *mekoey* foi rodeado por eles, que tentaram comer o *patxaab*. E o *patxaab* disse a eles que está sem muita carne, mas mesmo assim eles morderam e perceberam que estava muita amarga. E logo depois o *patxaab* no meio da conversa correu e pulou para pegar os ossos e pegou poucos ossos e levou para Deus.

E Deus pegou os ossos e assoprou com a fumaça de cigarro e fez novamente os Paiter (Suruí). E a população dos *Paiterey* diminuiu bastante por causa do *Patxaab* que pegou poucos ossos. E desde então, os *Paiterey* obtiveram a compreensão que o verdadeiro Paiter é o ser que vive no sentido de ter união com os demais Povos, e não se orgulham muito da riqueza e dos bens que possuem, porque *Paiter* tem que compartilhar e dividir o que possui e ajudar o próximo na dificuldade. Assim o *Povo Paiter* dizia que a pessoa que matar amigo ou conhecido não é *Paiter* e que não podia ir ao céu, mas por outro lado os *Paiter* também diziam que a pessoa que matar o inimigo se defendendo do ataque iria para o céu e teria que ter o respeito e admiração nas ações que faz além de ser conhecido como guerreiro. E assim o povo *Paiter* começou a existir novamente até os dias de hoje.

Essas histórias que as crianças Paiter Suruí ouvem dos mais velhos, seja da mãe, pai, avô, avó ou ancião da comunidade para ter noção de como foi a criação do mundo segundo *Paiterey*; contaram-me para eu poder conhecer a história, como foi que Deus criou o mundo e como criou os animais que vivem na floresta. Foi através da história que me ensinaram as regras do povo, de como posso me comportar segundo as regras do meu povo. Qual animal que a criança pode comer e qual que não pode. Também as crianças participam do ritual que é *mapimaí*, para entender como fazer as praticas culturais, e quem participa e quais são as personagens desse ritual. A festa *mapimaí* educa as crianças na sua dieta alimentar, porque quando começa a hora de comer as caças é que os pais começam a explicar quais animais que as crianças podem comer e qual pedaço que ele pode comer. Também podem saber quais são seus parentes mais próximos ou saber do clã que pertence dentro da comunidade. Também os professores podem explicar sobre os rituais, da importância da pratica para a nossa cultura do povo *Paiter Suruí*. Então as crianças podem ouvir a história não só dos pais, mais também através dos professores na escola. As crianças ouvindo a história na escola, como mitos e lendas podem aprender o que é certo ou errado na cultura do povo *Paiter Surui*.

3. SOBRE O POVO *PAITER SURUÍ* E SUAS TERRAS: LOCALIZAÇÃO DA TERRA INDÍGENA E POPULAÇÃO GERAL

A Terra Indígena Sete de Setembro está demarcada entre os estados de Mato Grosso e Rondônia com 248.147 hectares, sendo que a maior parte fica do lado de Estado de Mato Grosso. Os municípios que ficam a redor da Terra Indígena são Cacoal-RO, Ministro Andreaza-RO, Espigão do Oeste-RO e Rondolândia-MT. Atualmente, na referida Terra existem 25 aldeias, ficando 04 aldeias no Estado do Mato Grosso e 21 aldeias no estado de Rondônia. E o contato oficial com a Fundação Nacional do Índio ocorreu em 07 de setembro de 1969, por isso denominaram a terra de “Terra Indígena Sete de Setembro”. E a população em geral do povo *Paiter Suruí* é de aproximadamente 1450 pessoas. Sendo incluídos os *Suruí Paiter* que estão do lado de Mato Grosso com 120 pessoas aproximadamente.

Figura 1 – Localização da Terra Indígena Sete de Setembro



Fonte: Google, 2016

3.1 Sobre a língua *Paiter Suruí*

De acordo com o RCNEI (p.115-116) e MEC/SEF (1998), com base em semelhanças gramaticais e de vocabulário, as línguas indígenas faladas no Brasil se agrupam em famílias

lingüísticas. Famílias que têm semelhanças entre si são agrupadas, por sua vez, em troncos lingüísticos. Há também línguas indígenas que os lingüistas chamam de "línguas isoladas", porque não parecem ter parentesco com nenhuma das famílias linguísticas conhecidas. Quando falamos em uma determinada família linguística, estamos dizendo que as línguas dessa família têm uma origem comum, uma língua-mãe, que, em tempos antigos, era a língua de um só povo. Esse povo, ao longo de centenas de anos, foi, entretanto, se dividindo em povos que migraram para outras regiões e que, na maioria dos casos, passaram a não ter mais contatos, ou a ter apenas relações esporádicas. Supõe-se, também, que a língua-mãe de um ainda mais distante, possivelmente até na pré-história. Assim, os povos indígenas foram crescendo, dividindo-se, migrando, povoando novos territórios e suas línguas, por sua vez, também foram mudando, foram se diversificando.

Ainda de acordo com o RCNEI (p.115-116), uma mesma língua pode não ser falada exatamente do mesmo modo por todos os que a usam. Assim como o português pode ser falado de diferentes maneiras (o português gaúcho é diferente do português pernambucano, português dos jovens é diferente do português falado por pessoas mais velhas), também as línguas indígenas podem apresentar variações: o *Kulina (Madija)* falado na região do Rio Purus, por exemplo, é um pouco diferente do *Kulina* falado na região do Rio Juruá. O modo como os homens falam o *Karajá* ou o *Myky*, por exemplo, é diferente da maneira como as mulheres falam essas mesmas línguas. É importante entender que as pessoas muitas vezes usam línguas, ou variedades distintas de uma mesma língua, para dizer aos outros que são diferentes, que têm uma identidade própria. Esse é um dos motivos pelos quais as escolas indígenas e não indígenas no país devem reconhecer e respeitar a imensa diversidade linguística aqui existente.

Os *Surui Paiter* falam uma língua do mesmo nome, *Paiter*, pertencente à família linguística tupi-monde, do tronco Tupi, e a língua Portuguesa é falada como sua segunda língua. A nossa língua materna, do povo *Paiter Surui*, ainda é muito falada por todos os homens, mulheres e crianças nas 25 aldeias da Terra Indígena Sete de Setembro. Por enquanto, as crianças quando começam a falar, já entre dois ou três anos de idade, falam na língua materna, porque os pais falam ainda com frequência a língua mãe. No entanto, agora temos nomes de alguns objetos que vemos hoje como tecnologia não indígena, como celular, computador, entre outras, que são faladas na língua portuguesa, porque não tem nome, tradução na língua materna assim também como o nome de alguns alimentos que vêm da cidade.

3.2 Modo de sobrevivência do povo

O povo *Paiter Suruí* pratica como modo de sobrevivência as atividades da caça, da pesca e coleta das frutas da floresta, essa atividade pode ser individual ou em grupo, valorizando o costume das regras culinárias de modo geral. Também fazem a roça tradicional onde plantam cará, batata doce, mandioca, milho, amendoim, banana e mamão; essa roça também pode ser comunitária ou não, então, além de participarem da roça comunitária as pessoas da aldeia fazem outra roça separadamente. E as pessoas da aldeia confeccionam artesanatos tradicionais para usos diários, que são colar, cocar, panelas de barro, pulseiras, anéis, arco e flecha, balaio e brincos, e também confeccionam para venda. A venda do artesanato pode ser para as associações do povo ou que elas vendam para a comunidade ou para si.

Há duas formas de confeccionar os artesanatos. Tem artesanato que só o homem faz, como a flecha, o arco e o cocar. Um exemplo de como fazer o arco, primeiro corta do pé de Pupunha, (espécie de palmeira) que já foi cortado para alimentação e aproveita um pedaço para fazer o arco, leva para aldeia e lá o homem Paiter vai rapando aos poucos até ficar fino, e depois vai pegar um fio de uma árvore chamado *wabeb* (*imberema*), para fazer corda para arco.

E tem artesanato que só é feito pela mulher, como o balaio, cesta, rede, colar de tucum, pulseira de tucum, cerâmica ou panela de barro e tipoia que é para carregar bebê. O artesanato de cerâmica, por exemplo, a panela de barro que as mulheres fazem, é feita com argila própria que é retirada do pequeno riacho. Primeiro elas vão a um pequeno riacho a procura de argila, se achar pede que um homem retire para elas, quando é retirada do rio, a argila é levada para aldeia, onde elas começam a preparar a argila; elas pegam pedaços e começam a amassar até que elas acham que já está pronta para fazer a panela, então elas fazem uns fios, e esses fios são colocados um em cima do outro em forma de panela. Em seguida, vai reparar com uma pedra, vai passando a pedra até ficar liso, depois tem que esperar um dia para ficar duro para depois levar a uma fogueira para ficar pronto para usar. As panelas de barro são utilizadas para fazer algumas alimentações do povo como, chicha, bebida tradicional. E tudo isso as crianças observam, acompanhando os seus pais de como fazer artesanatos do povo e preparar a terra para fazer sua plantação.

Também alguns *Paiter* trabalham como professores, agentes de saúde indígena e tem seu salário para sustentar a família.

3.3 Principais práticas tradicionais: danças e rituais

Uma das principais festas tradicionais é *mapimaí*, uma festa tradicional sobre a criação do mundo, que é um ritual que representa como foi à criação do mundo, onde um clã convida

outro clã para tomar chicha e fazer cantorias de músicas mostrando-se para o dono da festa tradicional. Outro ritual e *hoeyatem* que é um ritual de invocação dos espíritos da floresta para ter abundância na colheita da roça, então o *wawã* ou em português, pajé, lidera com seu bastão os homens que fazem roda com taquaras altas tocando o mesmo e outros cantando e dançando com as mulheres. Desta forma, os espíritos incorporam através das conversas e cantos dos homens *Paiter* além do *wawã* (pajé) com os espíritos. Estas são as práticas tradicionais do povo ainda muito presente nas aldeias.

Figura 2 – Momento em que se bebe chicha na festa *Paiter Suruí*



Fonte: Acervo do autor, 2016

Quando acontece um desses rituais o povo se junta em uma única aldeia para tomar chicha, bebida tradicional, e comer as caças que outros grupos caçaram.

As crianças participam dos rituais e vão entender a organização social do povo *Paiter* que são divididos em quatro subgrupos ou quatro clãs que são *Gameb*, *Gabgir*, *Makor* e *Kaban*. Também nesses rituais têm a divisão dos animais caçados, quando são explicados para as crianças quais animais que elas podem comer, exemplo, as crianças não podem comer carne de anta, e depois as crianças vão ouvir as histórias dos guerreiros. Os rituais são, assim, primordiais dentro da cultura para o ensino e aprendizagem das crianças.

3.4 Caracterização da aldeia Indígena Sertanista Apoena Meirelles

A Aldeia Indígena Sertanista Apoena Meirelles está localizada no noroeste do estado de Mato Grosso e foi a primeira a ser criada em Mato Grosso e é por isso que é a mais populosa das aldeias que ficam neste estado, com 70 pessoas.

A aldeia fica a 08 km da cidade, que é município de Rondolândia-MT. A aldeia foi criada no ano de 2002, e ela tem água encanada para casas, tem energia elétrica e também tem posto de saúde.

Há também duas Escolas, a Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles, e Escola Municipal Indígena Sertanista Apoena Meirelles. As duas escolas estão localizadas na mesma aldeia. Há quatro professores na escola além de um Diretor, zeladores e cozinheiras. As escolas ofertam cursos que vão das séries iniciais até o terceiro ano de ensino médio com 57 alunos. A escola vem trabalhando juntamente com a comunidade local em uma parceria muito produtiva.

3.5 Sobre os aspectos religiosos

A exemplo de outras culturas milenares, os *Paiter Suruí* também têm sua religião tradicional. Há muitos mil anos, nós mantemos um ritual, para nós sagrado, que denominamos *hoeyatem*. Trata-se de um ritual que através do *wawã* (pajé) que chama os espíritos das floretas para termos muita fartura de comida na aldeia e também acontecer a cura das doenças que aparecem na comunidade. O ritual acontece com muita cantoria, do *wawã* (pajé) principalmente e de outros cantores também, aqueles que compõem um dos quatros clãs do nosso povo.

Este ritual é observado de longe pelas crianças da comunidade, momento de aprendizagem, também é explicado o porquê das crianças não poderem chegar perto, pois os espíritos gostam de pegar almas de crianças. Ao invés de trazer o bem para as crianças da comunidade traz coisa ruim.

Há pessoas da comunidade que acreditam no espírito da floresta ainda, já outras praticam outras religiões que não são tradicionalmente do povo, como por exemplo, os evangélicos. Tudo isso, quero dizer, todas as religiões que estão presentes hoje em nossa comunidade e os diferentes ensinamentos que cada uma delas traz são adquiridos naturalmente pelas crianças, tanto através dos conhecimentos passados pela família quanto pela comunidade.

4. A EDUCAÇÃO TRADICIONAL DA MENINA E DO MENINO PAITER SURUÍ

Devido a aldeia Sertanista Apoena Meirelles estar muito perto da cidade, do município de Rondolândia- MT, que fica em torno de 08 km de distância da aldeia, as crianças aprendem rápido as coisas de não indígena. As crianças *Paiter Surui* quando nascem ficam perto da mãe até seus primeiros anos de idade, do zero aos três anos de idade ficam perto da mãe. Com aproximadamente dois anos de idade já começam a falar algumas palavras na língua materna, porém falam algumas erradas ainda. E com quatro ou cinco anos de idade gostam de ficar em grupo e brincar no espaço da aldeia.

Os meninos com os meninos, e as meninas com as meninas, gostam de tomar banho no rio, aprendem com seus pais os seus afazeres domésticos. Também as crianças aprendem através do diálogo com os pais, que vão explicando como é a regra do povo e como tem que se comportar no meio do povo. Hoje as crianças gostam muito de mexer e ver objetos eletrônicos como celular e televisão. Também já com os seis anos de idade começam a ir à escola, lá gostam de desenhar, ouvir histórias do povo e também brincar com alguns brinquedos que têm na escola, como, os meninos brincando de jogar bolas, cantar música da criança do povo fazendo rodinha, e de correr atrás dos colegas, enquanto as meninas brincam com as bonecas e também correr atrás das colegas. Também na escola, a criança *Paiter Suruí* aprende a escrever, ler, conhecer o mundo que ela não conhece através dos livros didático. No período que ficam em casa, as crianças ficam no espaço da aldeia junto com as outras crianças, ou assistindo televisão. Também com os três anos de idade, quando os pais têm objetos eletrônicos começam a mexer com grande facilidade com o celular e o notebook, por exemplo.

O RCNEI, Referencial Curricular Nacional das Escolas Indígenas (1998, p. 20), traz a seguinte discussão em relação à educação tradicional nas comunidades indígenas, que recuperamos abaixo:

Desde muito antes da introdução da escola, os povos indígenas vêm elaborando, ao longo de sua história, complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural. O resultado são valores, concepções e conhecimentos científicos e filosóficos próprios, elaborados em condições únicas e formulados a partir de pesquisa e reflexões originais. . Observar, experimentar, estabelecer relações de causalidade, formular princípios, definir métodos adequados, são alguns dos mecanismos que possibilitaram a esses povos a produção de ricos acervos de informação e reflexões sobre a Natureza, sobre a vida social e sobre os mistérios da existência humana. Desenvolveram uma atitude de investigação científica, procurando estabelecer um

ordenamento do mundo natural que serve para classificar os diversos elementos. Esse fundamento implica necessariamente pensar a escola a partir das concepções indígenas do mundo e do homem e das formas de organização social, política, cultural, econômica e religiosa desses povos.

A educação das crianças nas leis do nosso povo, estabelece uma relação entre o que é proposto pelos RCNEIs e a realidade de nossa aldeia. A seguir falarei com mais detalhes sobre isto.

4.1 Menino *Suruí* do Nascimento aos 6 anos

O menino *Paiter Suruí*, nos seus primeiros anos, fica aos cuidados da sua mãe. Com os dois anos de idade já começa a falar algumas palavras na língua materna, aprende com seus irmãos e sua mãe, porém fala algumas palavras erradas ainda. Com quatro anos de idade, como as outras crianças, gosta de brincar, depois quando tiver com seis e sete anos de idade se apega com o pai, por isso só quer ficar com o pai a partir desse momento. E é nesse convívio com o pai que o menino já observa as atividades que ele vai fazendo, como a confecção de arco e flecha e pintura corporal. Vai à roça com o pai e observa também de como limpar o espaço onde vai plantar, também vê como o pai vai plantar na roça.

O menino quer que o pai conte histórias para ele e aproveitando isso o pai já ensina os valores culturais do povo, de respeitar, ajudar os próximos. Porém, hoje, as crianças vão à escola, lá gostam de desenhar, ouvir histórias do povo *Paiter* e alguns gostam de brincar com objetos eletrônicos, como celular, computador, notebook, máquina fotográfica e tablete. Outros gostam de jogar futebol e têm curiosidade em saber o que está fora da aldeia através da escola e televisão que tem na sua casa.

4.2 A Menina *Surui*, do nascimento aos 6 anos

Focalizamos agora a menina *Paiter Suruí*, do nascimento até aos seus 06 anos de idade. Nos seus primeiros anos, gosta de ficar com a mãe, com dois anos de idade também já começa a falar algumas palavras na língua materna e gosta de brincar com as outras meninas no espaço da aldeia ou vai à casa da outra menina.

Com os seis anos de idade já observa as coisas que a mãe está fazendo para depois ajudar, como nos afazeres de casa, se tiver irmão cuida dele, também observa como fazer artesanatos quando a mãe está fazendo.

Hoje também quer ir para escola e na escola gosta de desenhar, ouvir histórias do povo de como viviam os seus antepassados e quer saber o que está fora da aldeia, e tem curiosidade de mexer e aprender a usar objetos eletrônicos, como computador, celular, *notebook* e máquina fotográfica.

E têm algumas meninas acima de 6 anos de idade que não querem ajudar e só querem ficar vendo televisão, mexer no celular, ficar conversando com colegas. Essas novas tecnologias têm interferido sensivelmente em nossas práticas culturais.

4.3 O menino Surui, dos 7 anos aos 10 anos de idade

Os meninos entre os sete e dez anos de idade gostam de sair de casa para brincar com os colegas, vão caçar e pescar acompanhado de adultos.

Por volta dos oito anos de idade já têm interesse de ajudar o pai por conta própria, vão junto com o pai limpar a roça, fazer artesanatos, fazem arco e flecha para pescar, fazer pintura corporal entre eles e gostam de estudar.

Eles gostam de jogar bola contra a equipe da outra aldeia. Também vão à escola, gostam de ficar em grupo, também gostam de mexer em computador, celular, ver televisão e andar de bicicleta.

Alguns meninos por conta de objetos eletrônicos não têm interesse de ajudar os pais e nem querem ir para a escola, só querem mexer nas coisas eletrônicas. Quando os pais pedem ajuda só ficam respondendo que não vão ajudar.

Dessa forma, as interferências de objetos de fora da cultura interferem negativamente no cotidiano da aldeia.

4.4 A menina Paiter Suruí, dos 7 anos aos 10 anos de idade

A menina entre sete e dez anos idade já começa a ajudar a mãe por conta própria, sabe que a mãe tem muita coisa para fazer, por isso quer ajudar na limpeza da casa, na preparação de comida, na confecção de artesanatos. Além disso, a menina gosta de ficar com colegas, para

brincar e fazer coisas em grupo, como ajudar a fazer chicha, bebida tradicional, ir para o rio para lavar roupas e louças e tomar banho, as meninas até se formarem não podem misturar com os meninos, mas isso está se mudando devido a escola que junta todos os meninos e as meninas.

Também as meninas gostam de ir para a escola, onde escrevem, lêem e têm notícias do mundo de fora da aldeia, também gostam de mexer em computador, celular e *notebook*, assistir televisão.

4.5 A educação tradicional do povo *Paiter Suruí*

Na educação tradicional do povo *Paiter Suruí*, as crianças desde que nascem aprendem através da observação, na sua casa e na comunidade e através da conversa ou diálogo com os pais e pessoas mais velhas da aldeia. Desde seus primeiros anos, as crianças observam o trabalho dos pais e das pessoas da comunidade.

Os rituais são sempre momentos de intensa aprendizagem. Nos rituais (*mapimaí* e *hoeyatem*) as crianças podem aprender as danças e músicas do povo, elas também aprendem como é a preparação antes dos rituais, quais pinturas que podem ser usadas no *mapimaí* e *hoeyatem*, quais os significados das pinturas, por exemplo, qual pintura tem que usar no momento dos rituais, e pinturas para homens, mulheres e criança, e também aprendem como caçar.

Aprendem quais são os subgrupos do povo *Paiter Suruí*, que são *Gameb* (maribondo preto) *Gabgir* (maribondo amarelo), *Makor* (espécie de taquara) e *Kaban* (espécie de fruta da região). Os subgrupos não podem casar com outro do mesmo clã, porque o filho pode nascer doente, ou com deficiência, ou até morto, devido ao fato de serem parentes próximos, e todas essas informações são por vezes ensinadas e por vezes adquiridas na convivência cotidiana para as crianças.

Na família já é ensinado os principais valores do povo, ou seja, o de respeitar as pessoas, de como que ele ou ela pode se comportar dentro da comunidade. Por isso, as crianças aprendem com os pais, os meninos aprendem principalmente com o pai, enquanto as meninas com as mães.

Nos seus primeiros anos de idade como três anos, já começam a falar algumas palavras na língua materna que aprendem com os seus pais ou pessoas mais velhas. As palavras mais usadas das crianças quando começa a pronunciar as primeiras palavras na casa dos pais são, por exemplo, *ahya*, *bah*, *soganeh* e *itxer* (mãe, pai, comer e água). J

Já com seis e sete anos de idade, além de brincar com as outras crianças da aldeia, já quer ajudar os pais na busca e no preparo de alimento, pois antes disso, primeiro pede para os pais se pode fazer aquilo e é por isso que os pais pedem para outra pessoa que seja maior de idade acompanhar ele, isso no caso do menino. Já a menina vai acompanhando a mãe em casa, ou nos outros afazeres da mãe para observar e ajudar. Também ensinam através do diálogo, o que deve e não deve fazer. Primeiro os pais ou avós contam as histórias, mitos para ensinar o que deve ou não deve fazer. Pai e ou avô ensinam o menino enquanto a mãe e ou avó ensina a menina.

Os meninos a partir de dez anos de idade aprendem com os pais ou com as outras pessoas como fazer artesanatos como flecha, arco, além de outras práticas da cultura como pintura corporal, dança, música, caçar e pescar. As meninas já aprendem com as mães e outras mulheres a fazer os artesanatos que as mulheres fazem, como anel, pulseiras, balaio, cesto, colar, e também vão à roça junto com a mãe.

Os pais e avós educam os filhos e netos através de história do povo, como narrando o mito de origem e vão ensinando como surgiu o mundo, e outras coisas que existem no mundo. Eles podem ensinar para a criança, de acordo com a história, como se comportar no meio das pessoas e também é por meio dessas histórias que ensinam os valores da cultura, ou seja, os homens adultos educam os meninos e as mulheres adultas educam as meninas através da história. Também falam que não se pode falar nome dos pais, nem irmão, tios, avós e outros parentes próximos. Se chamar pelo nome dos parentes mais próximos, é porque está desejando coisa ruim a ele, exemplo se no caso meu filho chamar meu nome indígena *Gamalolatag*, eu posso morrer por desgosto, porque meu filho me chamou pelo meu nome, então é proibido à criança falar nome dos parentes mais próximos, só pode chamar *bah*, que é pai, *ahya* que é mãe, *amõ* que é avô, *moya* que é avó, e tio paterno chama de *bah* também, porque é irmão do pai, sinal de respeito, e a mulher dele chama de *ahya* também que é mãe.

Assim como já dissemos anteriormente, os pais ensinam para a criança que se um *Paiter* matar um parente, amigo ou conhecido, ele não é um *Paiter* verdadeiro. Se ele fizer isso não poderá ficar no meio do povo, ou seja, pode ser expulso do meio do povo. Por outro lado, se um *Paiter* matar para se proteger ou proteger o seu grupo, em uma situação de guerra, esse pode ser até admirado e ser respeitado pelo grupo, e conhecido como guerreiro. O pai ensina o filho a respeitar as pessoas da comunidade, a ficar unido com as outras crianças e a ajudar os próximos ou outro grupo social que necessitem.

Hoje em dia as crianças não vivem com os pais todo tempo como antigamente, devido à escola. Porque as crianças já com quatro anos de idade já vão para a escola, ficam lá por meio

período do dia, e nesse período do dia eles não estão aprendendo as coisas do dia a dia como as crianças faziam antes, por que eles estão desenhando, escrevendo, lendo, ouvindo história do povo e história do não indígena e talvez brincando como não indígena e outro meio período fica com os pais na casa ou no espaço da aldeia com as outras crianças. Porém a escola não desvaloriza a cultura, ao contrário, tenta manter a cultura do povo, além de ensinar as letras dos alfabetos, palavras e frases, a escrita da língua materna a escola tenta fortalecer a cultura, fazendo algumas práticas da cultura como ensinar os alunos a fazer pintura corporal, como preparar o líquido da tinta, músicas, e danças, conta histórias, mito. Porém o que está começando a atrapalhar são os objetos eletrônicos, não é que está atrapalhando totalmente, o problema como é levar isso para comunidade sem que as crianças fiquem desrespeitando os pais.

Figura 3 – Realização de atividade cultural do povo *Paiter Suruí*



Fonte: Acervo do autor, 2016

4.6 Tecnologia nas Aldeias

Como já dissemos anteriormente, as tecnologias do não índio estão presentes na aldeia em forma de celular, *tablete*, computador e principalmente televisão. Esses novos equipamentos, as crianças gostam de mexer e têm livre acesso e ocupam um longo tempo do dia na utilização dessas novas tecnologias. Com isso as crianças não estão mais brincando com

as brincadeiras tradicionais do povo, e não estão acompanhando os pais nas atividades das roças, caça e pesca. Na comunidade, quase 80% das famílias tem televisão e celulares nas casas, além de outros aparelhos eletrônicos. Esse fato tem feito com que as crianças passem muito tempo na utilização desses aparelhos eletrônicos e assim essa atividade tem se sobreposto às práticas culturais, tradicionais do nosso povo, de forma que isso tem gerado uma grande preocupação por parte das lideranças e que também foi o motivo pelo qual decidimos fazer essa pesquisa.

Penso, como professor, que a escola pode fortalecer a cultura e o respeito das crianças pelos pais, com ajuda dos próprios, como? Ajudar o professor na sala de aula para contar como são as regras do povo, com isso a criança pode ter noção que o povo tem as suas próprias regras, sua cultura e costumes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação tradicional é muito importante para cada povo, que tem a sua própria cultura, porque por meio da sua cultura é que se pode educar as crianças para manter a cultura viva, mesmo tendo tantas mudanças acontecendo. É isso que penso como *Paiter Suruí*, porque assim vamos ensinar as crianças na nossa maneira de respeitar os pais, de querer ajudar os pais, respeitar as pessoas mais velhas, de aceitar as pessoas diferentes, de ajudar os próximos, de valorizar a sua cultura, valorizar o seu espaço, mesmo conhecendo coisas diferentes. Por isso me preocupo muito com a entrada das tecnologias não indígenas nas aldeias. Não é que eu não queira, pois mais cedo ou mais tarde ia acontecer isso, pois quero que a educação *Paiter* se concilie a do outro, ou seja, aprendendo outras coisas, mas valorizando a sua cultura.

Por esse motivo este trabalho foi feito para valorizar os ensinamentos do povo *Paiter Suruí*, conhecendo coisas diferentes e valorizando seus costumes, língua, e a cultura. Acredito que como professor posso colaborar com o meu povo, fazendo um trabalho de valorização da nossa cultura e informando sobre as outras culturas que estão chegando nas nossas aldeias, nas nossas escolas.

Desta forma, este trabalho de pesquisa visa então discutir como conciliar as culturas e absorver as diferenças entre elas, pois consideramos a cultura do povo indígena *Paiter Suruí* fundamental para nossa sobrevivência assim como também é inevitável a introdução de aspectos da cultura do não indígena na nossa comunidade.

Figura 4 - Crianças Paiter Suruí em atividades escolar, fortalecendo a cultura tradicional



Fonte: Acervo do autor, 2016

REFERÊNCIAS

RCNEI. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília 1998.

CONSULTORES NATIVOS

Helena Oreko Suruí

Terri Lakabateru Suruí

Mapinan Paiter Suruí